Ano VII — Lisboa, Agosto-Setembro de 1951 — N.os 76-77

REDACÇÃO E ADMIN STRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO DUPLO AVULSO 3$00

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

A LIÇÃO DO "JAMBOREE„ DA ÁUSTRIA

No cenário encantador dos Alpes austríacos, num vale caprichosamente atapetado de relva de um verde-negro raro, perto de lagos prateados e rodeado de montanhas intensamente arborizadas e de cumes aguçados, milhares de jovens, vindos de muitos cantos da Terra, levantaram jubilosamente as suas tendas e efectuaram uma magnífica jornada de companheirismo e amizade, envolvendo não só os 18 mil escoteiros acampados, mas os milhões que eles representavam, manifestação que se prolongará para além do espaço e do tempo, repetindo-se em novos actos de fraternidade: pequenos acampamentos internacionais semelhantes àquele que se acaba de efectuar em Inglaterra: visitas, intercâmbio de correspondência; elo de boa-vontade que envolverá quase o mundo inteiro.



Estes grandes «Jamborees» escotistas, tão sàbiamente inspirados por B.-P., que via neles um factor valioso de Paz e que, felizmente, são já praticados igualmente por outros movimentos de juventude, especialmente pelo movimento campista que recentemente efectuou um grande acampamento em Florença onde Portugal esteve também dignamente representado, constituem, na época agitada em que infelizmente vivemos, uma contribuição efectiva para a Concórdia entre os povos, feita através do conhecimento pessoal, e uma afirmação inequívoca de que os homens se podem entender, se quiserem abdicar um pouco do seu orgulho e orientar as suas relações segundo valores mais altos, onde o Egoísmo e a Ambição não encontram lugar.

É necessário viver esses grandes «Jamborees», olhar esses campos onde se juntam rapazes de todas as raças, nacionalidades e opiniões, para bem se compreender como esses escoteiros fazem a surpreendente descoberta da sua unidade humana, filhos do mesmo Deus, apesar da diferente côr das suas epidermes; como aprendem a conhecer-se e a estimar-se por cima de todas as barreiras. E ainda mesmo quando a linguagem parece separá-los irremediàvelmente e a falta de um idioma mùtuamente conhecido parece constituir obstáculo intransponível, vemos surgir um sorriso, um abraço que vem selar uma amizade que não precisa de pala-

(Conclui na 2.ª página)

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE ESCOTISMO

Nos três primeiros dias de Agosto realizou-se em Salzburgo a Conferência Internacional de Escotismo, na qual os Escoteiros de Portugal estiveram representados pelos Srs. Eng.º José Maria Nobre Santos, Secretário das Relações Internacionais; e Alexandre Ascensão Cardoso, que se fizeram acompanhar por suas Esposas. O Corpo Nacional de Escutas esteve representado por três dos seus dirigentes, os Srs. Dr. D. José Paulo de Lencastre, Chefe Nacional Adjunto; Vítor Manuel Lima e Santos, Secretário das Relações Exteriores; e Padre José Pinto Pereira.

De colaboração com o Secretariado das Relações Internacionais da A. E. P., contamos dar no próximo número um relato do acontecimento e as conclusões da referida Conferência.

OS ESCOTEIROS DE PORTUGAL
no Acampamento Internacional de Patrulhas

Acabam de regressar de Inglaterra os escoteiros portugueses que tomaram parte no acampamento internacional de patrulhas, os quais nos trazem notícias muito agradáveis da forma como ali foram recebidos, não só pelos seus camaradas britânicos, como pelo público em geral e pelas autoridades, referindo-se a imprensa inglesa largamente à visita.

Esta carinhosa recepção dispensada aos escoteiros portugueses, no momento em que deputações de outros países se encontravam também presentes, expressa bem a velha amizade existente entre Portugal e a Inglaterra, que não é meramente protocolar, mas radica-se no sentimento dos dois povos como fruto de relações seculares.

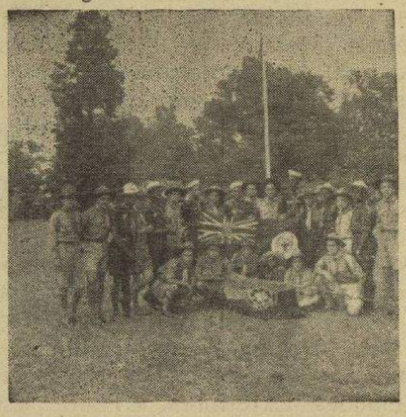
Outra lição que nos deu a maneira afável e franca como os portugueses foram recebidos por famílias inglesas, que os trataram como «filhos», bem como a recepção espontânea do público, é que temos uma noção errada do carácter do povo inglês quando o apreciamos através de *personagens importantes*, cujo orgulho é mais fruto da sua posição, que da sua nacionalidade. Pouco expansivo em princípio, é certo, quanto consegue vencer essa frieza superficial o inglês revela-se gentil e hospitaleiro, usando duma sinceridade e duma lhaneza que nos cativa e não podemos deixar de admirar. Os escoteiros portugueses, mesmo os mais novos, regressaram de Inglaterra sensibilizados pela fidalguia com que foram recebidos, impressionados com a educação e espírito cívico do povo britânico, alegres por terem confraternizado com os seus camara-

(Conclui na 2.ª página)

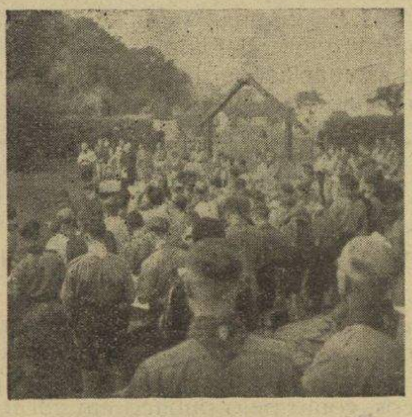
Acampamento Internacional de Patrulhas em Inglaterra



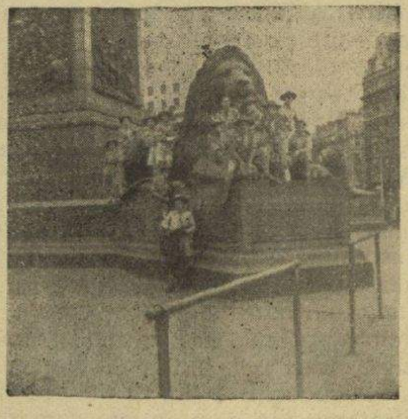
Lord Rowallan, Escoteiro-Chefe do Império Britânico, visita os escoteiros portugueses no seu campo.



Os escoteiros portugueses confraternizam com representantes de outras nações.



O serviço religioso no Acampamento.



Os escoteiros portugueses junto da estátua de Nelson, na Praça Trafalgar, em Londres.

A LIÇÃO DO «JAMBOREE» DA ÁUSTRIA

(Conclusão da 1.ª página)

vras para se expressar porque vive nas almas, é expontânea e sincera.

Mas este aspecto é comum a todas estas actividades escotistas. O VII «Jamboree» deu-nos, porém, uma lição muito oportuna que importa assinalar como o facto mais significativo desta reunião. É que este grande acampamento internacional se efectuou na Áustria, país onde o Escotismo tinha sido proscrito como indesejável porque os seus ideais de Paz, Amor e Tolerância não tinham oportunidade no momento e no local onde o ódio e o espírito bélico eram princípios orientadores de toda a educação oficial. Passados apenas seis anos sobre a restauração da independência austríaca, que marca o ressurgimento do Escotismo neste país, os seus escoteiros sentem-se com capacidade e com coragem para organizar um «Jamboree», empreendimento de responsabilidade, e recebem com requintes de gentileza os seus irmãos estrangeiros. E, a dar mais significado ainda a este acontecimento, acorrem à Austria, a tomar parte nesta jornada de companheirismo, delegações numerosas e entusiastas do escotismo italiano e alemão, nações onde igualmente o Escotismo tinha sido interdito. Isto representa inegàvelmente a vitória do Escotismo, vitória que já em Julho de 1945, logo após o cessar fogo na Europa da última grande guerra, assinalámos nestas mesmas colunas.

Há, contudo, nações na Terra onde o Escotismo continua proscrito. As virtudes que o Escotismo fomenta não conduzem à Guerra e, por isso, os Escoteiros continuam a ser indesejáveis aqui e além. Mas o «Jamboree» da Áustria afirma-nos, prova-nos, que, apesar de todos os perigos, o Escotismo continua a existir nessas mesmas nações, vivo no peito dos seus Escoteiros, e, amanhã, quando a liberdade nascer de novo nessas terras, renascerá glorioso, afirmando que o «escoteiro é irmão de todos os outros escoteiros».

Alegra-nos esta vitalidade do Escotismo, não por ser êxito de um Movimento educativo ou de opinião, mas porque significa a vitória dos princípios humanos e cristãos sobre a barbárie, porque, como escrevíamos em 1945, «representa a vitória do Espírito sobre a Matéria, do Bem sobre o Mal». Apesar de todos os esforços para suprimir do Mundo o espírito do Cristianismo, este subsiste iluminando a humanidade, e o mandamento do doce Rabi: — *Amarás ao Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento, e ao próximo como a ti mesmo* —, base da doutrina Escotista e súmula da Promessa, continua arvorado como o único estandarte capaz de conduzir os homens à Concórdia e à Paz Universal.

Procuremos nós, que gozamos do privilégio de poder praticar o Escotismo na sua pureza, esforçar-nos para que o Movimento seja forte em Portugal, não tanto pelo número dos seus adeptos, mas preferìvelmente pelo vigor das nossas convicções, pela prática constante da Boa Acção, pela beleza e valor moral da nossa actividade. Os nossos irmãos-escoteiros da Áustria, da Itália, da Alemanha, que continuam empunhando o «facho»; e aqueles que na Espanha, na Polónia-mártir, na Hungria, na Roménia, na Checoslováquia e nos restantes países atrás da chamada «cortina de ferro» permanecem fiéis e mantêm — apesar de tudo — a chama do Ideal, dão-nos um exemplo que temos de considerar. Sejamos nós também dignos do uniforme que estes não podem usar, mas que nós envergamos, honrando com as nossas vidas o Escotismo em Portugal.

Os Escoteiros de Portugal no Acampamento Internacional de Patrulhas

(Conclusão da 1.ª página)

das ingleses, estabelecendo amizades sólidas que serão novos elos da corrente de simpatia luso-britânica.

A Direcção dos Escoteiros de Portugal, que tornou possível esta viagem, está de parabéns e não lhos devemos recusar. Assim como lamentamos que tantas vezes se enviem ao estrangeiro oportunistas que só lhes interessa o Escotismo enquanto vêem nele alguma vantagem material, devemos agora felicitar os Serviços Centrais pela feliz ideia de seleccionar, dos diferentes grupos do país, jovens escoteiros, entregando a sua chefia a dirigentes que têm dado provas de dedicação pelo Escotismo. Esperamos que outras oportunidades surgirão para enviar lá fora escoteiros portugueses, que nas grandes reuniões do escotismo, onde se encontram jovens de tantas nacionalidades, afirmarão sempre, como fizeram em Inglaterra, os desejos de Paz e Boa Vontade de Portugal e dos Portugueses.

O Escotismo no Ultramar

Em Luanda os Escoteiros estão activos

De diversos pontos das nossas províncias ultramarinas, mas principalmente de Luanda, chegam-nos constantemente notícias de que o Escotismo se encontra activo e a própria imprensa se tem referido às suas actividades. Interessante porém, porque assinala o bom espírito ali existente, é o acto nobre e arrojado de um escoteiro de Luanda, divulgado pela imprensa diária em telegrama da agência ANI que dizia:

«Um jovem, que se recusou a dar o seu nome, entrou no mar e conseguiu passar laçadas de corda às hastes de toiros tresmalhados pela passagem de uma camioneta, os quais se destinavam a um dos talhos desta cidade.

«Depois de uma luta de horas, salvando toda a manada, com excepção de um animal que morreu afogado, o rapaz recusou qualquer recompensa, dizendo nada lhe deverem porque era escoteiro e apenas fizera o seu dever.

«A imprensa regista o gesto do jovem angolano.»

No laconismo deste telegrama imagina-se a admirável proeza deste escoteiro de Luanda que, após ter evitado um prejuízo considerável e certo, retira-se, modestamente, recusando prémio ou louvores e identificando-se apenas como «um escoteiro»

Um movimento que inspira nos seus adeptos atitudes desta natureza merece o interesse daqueles a quem cumpre orientá-lo superiormente. A Direcção dos Escoteiros de Portugal já prometeu em comunicação oficial interessar-se pela regularização do escotismo ultramarino. Urge que a promessa se concretize em actos — assim o exige o prestígio do próprio escotismo, que não pode nem deve viver uma situação irregular, quase clandestina, dentro de um país cujo governo estima e simpatiza com os seus objectivos educativos.

Apelamos, pois, uma vez mais para a Direcção dos Escoteiros de Portugal, pedindo-lhe que se ocupe deste problema, e fazemo-lo cônscios de que interpretamos o desejo dos nossos camaradas ultramarinos.

• • o • •

O Aniversário do Grupo n.º 99

«O Grupo N.º 99, anexo ao Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes» na Rua do Possolo, 5 a 9, comemorou o seu 17.º aniversário para o que elaborou o seguinte programa:

Dia 10 a 12 — Torneio de pingue pongue inter-grupos.

Dia 14 ás 22 horas — Chá de confraternização escotista.

Dia 15 às 22 horas — Espectáculo para apresentação de uma comédia desempenhada exclusivamente por escoteiros do Grupo N.º 99, seguindo-se um acto de variedades por amadores do grupo cénico do Grupo Dramático e Escolar « Os Combatentes».

Dia 16 às 16 horas — Sessão solene para entrega de distintivos, insígnias estrelas de serviço, etc.

• • o • •

Por motivos de força maior, agravados pela circunstância de se tratar de um número duplo, o «SEMPRE PRONTO» sai com considerável atraso.

Pedimos desculpa aos nossos leitores.

ENTRONCAMENTO

GRUPO N.º 84

Acampamento

Para provas finais de 3ª classe dos Aspirantes do Grupo, efectuou-se em 28 e 29 de Junho p. p., nos arredores desta Vila, no local conhecido por «Porto-Beiçudo» um acampamento que teve um programa muito interessante e se encerrou com um animado fogo de conselho.

22.º aniversário

Este grupo comemorou de 5 a 12 de Agosto último o 32.º aniversário da sua fundação com um programa que se revestiu de brilhantismo.

Perante um auditório numeroso, e sob a regência do Sr. José Leitão Franco, a nossa banda iniciou as comemorações com um concerto no Jardim-Parque, tendo sido muito aplaudida.

No dia 9 foi inaugurada na sede uma exposição de trabalhos manuais, que foi muito visitada, tendo sido premiados os escoteiros Manuel Monteiro Marujo, Fernando Eiró Gomes e José Fernando Lopes Costa.

No dia 12, pelas 15 horas, foi oficialmente inaugurado o acampamento que desde o dia 6 vinha sendo montado no Freixial, local gentilmente posto à disposição deste Grupo pela Casa Sommer, que levou a sua generosidade ao ponto de oferecer alguns dos géneros alimentícios que foram consumidos no campo.

No dia 11 tinha já havido um fogo de conselho, mas só depois da inauguração oficial é que o acampamento foi aberto aos visitantes, que acorreram em grande número, e se demoraram observando as instalações e os diversos trabalhos de campo.

Às 17 horas realizou-se a festa de campo, com a presença do Sr. José Duarte Coelho, Presidente do nosso Grupo e Presidente da Câmara Municipal do Entroncamento; do Sr. José Francisco Corujo, do jornal «O Entroncamento; Padre João Alves, famílias dos Escoteiros e muito público.

Prestaram Compromisso de Honra os novos escoteiros Artur Miguel Góis e Silva, José Pereira Nunes, Fernando Pereira Nunes, José Fernando Lopes Costa, Orlando dos Santos Canhoto e António Conceição Dias, a quem o Chefe João Amorim dirigiu palavras de felicitação e boas-vindas.

Foram também condecorados os Srs. Máximo de Oliveira, José e Manuel F. Valério, João Rabaça Horta e Manuel de Sousa Folgado, o primeiro com a Medalha de Dedicação e Bons Serviços, e os últimos com a medalha de Assiduidade.

A terminar a festa efectuaram-se jogos e provas desportivas — C.

N. R. — O «*Sempre Pronto*» regozija-se com mais este aniversário do Grupo 84 e felicita os seus Chefes e Escoteiros pela sua constante actividade.

• • o • •

PENSAMENTOS

O Chefe Escoteiro deve insistir na disciplina e na rápida obediência, ainda que nos minimos pormenores.

O acampamento é acima de tudo o melhor dos meios para minis:rar aos rapazes os ambicionados atributos do carácter.

É incalculável a importância da boa saúde e vigor, tanto para seguir-se uma carreira ou profissão, como para apre-cair-se a vida.

BADEN-POWELL

OS ROTÁRIOS DE BARKING

receberam os escoteiros portugueses

Os escoteiros portugueses foram recebidos pelos Rotários de Barking na sua reunião semanal. Estiveram também presentes ao acto o Comissário local e outros Dirigentes escotistas.

Na ausência do Presidente, apresentou as boas-vindas aos portugueses o Vice-Presidente, Sr. Dr. Bloomfield, que estabeleceu o paralelo entre os Movimentos Rotário e Escoteiro. Tal como o «Rotary», o Escotismo era um movimento internacional e uma das maiores forças para a paz. O Escotismo gerava amizade e bondade e tinha a aprovação e simpatia dos Rotários.

O orador terminou dizendo esperar que os visitantes regressariam a Portugal com uma boa impressão da amizade e hospitalidade de Barking.

• • o • •

Carlos Fernando Garcia

O estado de saúde deste nosso caro camarada de redacção, que a princípio se apresentava com um carácter de certa gravidade, é hoje muito satisfatório, pois melhorou ràpidamente, o que nos faz crer num rápido restabelecimento, o que muito nos apraz registar.

Felicitamos Carlos Fernando Garcia e esperamos em breve contar novamente com a sua companhia.

• • o • •

GRUPO N.º 5

Como é já tradicional, este grupo esteve acampado durante a primeira quinzena deste mês na Serra da Arrábida, onde comemorou o seu aniversário, com a presença de escoteiros do Grupo 13 e de elementos campistas também acampados no local.

Felicitamos o «5» por mais um aniversário, com votos de muitos progressos.

• • o • •

«ALERTA !»

Esta revista, orgão da União dos Escoteiros do Brasil, dirigida pelo nosso bom amigo Chefe David M. de Barros, comemorou recentemente o seu 3.º aniversário, iniciando o 4.º ano de publicação com o n.º 37 de Maio-Junho p. p.

A direcção da revista «Alerta !» merece bem as nosssas felicitações por este aniversário, porque, desde que o Chefe Léo Borges Fortes teve a feliz iniciativa de a restaurar até hoje, tem feito sempre continuos progressos, publicando número a número matéria de grande interesse escotista tanto sob o ponto de vista técnico como doutrinal.

O «Sempre Pronto», que tem encontrado no «Alerta !» uma camaradagem bem escoteira, saúda na pessoa do Chefe David de Barros todos os que nele trabalham, expressando votos de novos êxitos à simpática revista.

CARTÕES DE BOAS-FESTAS

Edições escotistas inglesas muito bonitas

Pedidos a Redacção do «Sempre Pronto»

Os Escoteiros Portugueses

VISITARAM LONDRES E OS SEUS MONUMENTOS, E ACAMPARAM NO CAMPO-ESCOLA «GILWELL-PARK»

No paquete «Highland Monarch» embarcou no dia 13 de Agosto o contingente da Associação dos Escoteiros de Portugal, formado por 2 patrulhas e 2 dirigentes, que foi a Inglaterra tomar parte no Acampamento Internacional de Patrulhas, que se realizou no Gilwell Park (arredores de Londres), de 22 de Agosto a 1 de Setembro.

Após a chegada à capital britânica, as patrulhas foram separadas. A primeira, denominada «Portugal», foi tomada pela Associação dos Escoteiros de Barking e, acompanhada por dirigentes que a aguardavam, dirigiu-se para aquela localidade, sendo alojados em diversas casas de família dos escoteiros ingleses onde cativaram grande simpatia, pois quando regressaram a Portugal essas pessoas foram à estação despedir-se dos «seus filhos» com lágrimas, e entregar as últimas lembranças, algumas bem úteis e valiosas.

A segunda, «Lusitânia», também acompanhada por um dirigente inglês, foi transportada em comboio para o centro de Londres, sendo instalada numa sede do Exército de Salvação. Igualmente era aguardada por vários dirigentes da Associação dos Escoteiros da Cidade de Londres que expressaram o contentamento por verem os Escoteiros de Portugal presentes na sua actividade. É de notar a larga reportagem feita pela imprensa diária sobre a chegada do contingente português.

A patrulha «Lusitânia» voou sobre Londres

Durante os 6 dias de permanência em Londres, destinados ao convívio com a vida londrina, não faltou, aliás como sempre, o desejo dos camaradas ingleses e suas famílias de nos mostrarem várias belezas daquela cidade e arredores. Quando chegámos já tinham elaborado um programa com as principais visitas que devíamos fazer, com dias e horas marcados. Tudo quanto foi possível ver no curto tempo que ali estivemos, tal como palácios, museus, exposições, aeródromos, parques, catedrais, pontes, etc., sem faltar a visita minuciosa à histórica Torre de Londres, a subida do Tamisa em vedetas da Polícia Marítima e um voo sobre a cidade e castelo de Windsor nas avionetas do Aero Club de Denham. Pelo que aqueles nossos irmãos escoteiros nos proporcionaram e da maneira como fomos tratados e até acarinhados, está bem provado quanto vale e pode o ESCOTISMO.

O Embaixador de Portugal visitou o contingente português no «Gilwell-Park»

No dia 22 dirigimo-nos para o Gilwell, onde chegámos às 11,30 horas. Tudo indispensável, e até dispensável para um acampamento daquela natureza, já se encontrava montado. O Gilwell, um bonito parque com cerca de 860 ares, situado numa extremidade da floresta de Epping, estava transformado numa pequena cidade dividida em freguesias (subcampos). Além das instalações fixas—habitações e salas de trabalho feitas em pedra e cal onde funcionam contìnuamente cursos de chefes—armaram grandes tendas para armazenagem de mantimentos e material, venda de frutas, refrigerantes, artigos fotográficos, livros e objectos escotistas, pastelaria e chá. Montaram um posto dos correios e telefones com carteiros que faziam a distribuição da correspondência duas vezes por dia, um banco para todas as operações cambiais, uma estação de rádio transmissora e receptora (algumas vezes falámos com postos amadores de Lisboa e Beja), aparelhos de televisão, e ainda óptimos lavabos de loiça marcos fontenários, piscina, chuveiros com água quente e fria. Dois espaçosos recintos destinados a concentrações e fogos de conselho, respectivamente. No primeiro, chamado arena de exibições, flutuavam as bandeiras nacionais dos 46 países ali representados. Em dias próprios houve demonstrações regionais e os escoteiros em campo desfilaram em frente duma tribuna onde se encontravam, além de Lord Rowallan, Chefe Geral dos Escoteiros Britânicos, vários diplomatas representando os seus países, entre eles o Senhor Dr. Ruy Ulrich, Embaixador de Portugal, acompanhado por um Secretário. Terminado o desfile, este Senhor teve a gentileza de procurar-nos, conversando demoradamente connosco e oferecendo os seus préstimos para o que necessitássemos.

Três fogos de conselho — Maravilhosos espectáculos

No segundo, ocupado com troncos de árvores bem dispostos em círculos, servindo de assento a 1.500 pessoas, tendo ao centro uma clareira onde era aceso



O Embaixador de Portugal em Londres e o Secretário da Embaixada visitaram os escoteiros portugueses no Acampamento Internacional de Patrulhas

o fogo, realizaram-se três Fogos de Conselho—maravilhosos espectáculos—; todos tiveram grande assistência, realçando o primeiro devido à quantidade de escoteiros e escoteiras (para cima de 2.500) de todas as idades e ramos que, apesar do frio e aguaceiros, deram à reunião um ambiente de alegria com as suas canções cheias de vida e graça. O último, no dia 31, por ser o fim do acampamento, não teve a vivacidade dos antecedentes, mas em contrapartida estava vistosamente iluminado por fortes projectores para a filmagem e televisagem; desfilaram os representantes dos países que ainda se encontravam no campo, empunhando um archote com que em conjunto acenderam a lenha do Fogo, dizendo o nome do seu país à medida que entravam no recinto. Seguiram-se números próprios para reuniões daquela natureza e terminou com o Hino escrito e musicado para o Acampamento Internacional de Patrulhas de 1951, depois de algumas palavras de despedida pelo chefe de campo W. G. Speakman.

Entre as diversas cerimónias, no domingo 26 rea-

(Conclui na 6.ª página)

Barking, cidade dos arredores de Londres, recebeu com fidalguia e entusiasmo os escoteiros portugueses

O contingente português que foi ao Acampamento Internacional de Patrulhas constituiu duas patrulhas: a "Portugal„ e a "Lusitânia„. A primeira foi hóspede da Associação dos Escoteiros de Barking, para onde seguiu com o Chefe Jacinto dos Reis Moniz Silva. Este nosso dedicado colaborador, durante os curtos dias que esteve em Lisboa, traçou algumas notas dos acontecimentos em que tomou parte isoladamente a patrulha "Portugal„, de onde extraímos a presente notícia.

Após uma esplêndida viagem de 3 dias no «Highland Monarch», desembarcámos em Tilbury, na Inglaterra, na tarde de 16 de Agosto corrente, e ali o contingente separou-se, seguindo a patrulha «Portugal» e o Chefe Moniz Silva para Barking, na companhia do Chefe Distrital Mr. Inglis, e a patrulha «Lusitânia» para Londres.

Em Barking, os escoteiros portugueses foram distribuídos por casas de escoteiros, como seus hóspedes pessoais, ficando o Chefe Moniz Silva em casa do Chefe Inglis.

Logo no dia seguinte, os escoteiros portugueses, acompanhados pelos escoteiros que os tinham recebido em sua casa, visitaram a exposição de arquitectura do Festival de Londres, o célebre *East End* da



O «Mayor» de Barking, envergando o trajo de cerimónia, explica aos escoteiros portugueses o significado do seu bastão.

cidade, uma das áreas mais bombardeadas na última guerra, e a Catedral de S. Paulo, maravilha de arquitectura, tendo subido os 275 degraus que conduzem às suas torres, de onde puderam disfrutar um panorama vasto. Passaram ainda pela célebre Torre de Londres a caminho da «Roland House», a casa do escoteiro inglês, instituição de auxílio e reabilitação para escoteiros, fundada por Roland Philips, autor do Sistema de Patrulhas, que tombou ao serviço da sua pátria na guerra de 1914.

As «boas-vindas» na Câmara Municipal de Barking

Mais tarde, os visitantes foram convidados para uma audiência especial que lhes foi concedida pelo *Mayor* de Barking, que lhes apresentou as boas-vindas em nome do povo da localidade (um subúrbio de Londres com cerca de 80.000 habitantes), vestindo os tradicionais trajes de gala, só reservados às grandes cerimónias, tendo tido a amabilidade de explicar o significado de todas as insígnias, depois do que levou os portugueses de visita às dependências do edifício municipal. Acompanharam esta visita dois dirigentes escotistas locais, o Chefe Minter e a Comissária Mrs. Smith, bem como a esposa do presidente do município.

Uma linda festa escotista dedicada aos portugueses

À noite, na grande sala local do Exército de Salvação, efectuou-se uma festa para os dirigentes escotistas apresentarem as boas-vindas aos seus hóspedes portugueses. Embora a época fosse de férias, ainda assim compareceu cerca da quarta parte dos 700 escoteiros da localidade, bem como muitos dirigentes de ambos os sexos.

Na sala, à direita, foi colocada uma enorme bandeira portuguesa e, ao lado, foi içada num pequeno mastro uma bandeira inglesa. A esta reunião compareceu o *Mayor* de Barking e sua Esposa. Organizaram-se vários jogos em que os rapazes da patrulha «Portugal» tomaram sempre parte.

Durante um intervalo o presidente da Associação dos Escoteiros de Barking e o *Mayor* expressaram a sua satisfação pela visita dos portugueses, a quem apresentaram as boas-vindas, evocando os tratados e amizade seculares que unem os dois povos, e os oradores, particularmente o Presidente da Câmara, fizeram votos pelo progresso do Escotismo, um dos melhores meios para a mútua compreensão entre os povos e, consequentemente, para encaminhar a humanidade para um estado de espírito que acabe com as malditas guerras.

O Chefe Moniz Silva traduziu os discursos dos dois oradores e tomou, por sua vez, a palavra para agradecer, em seu nome e no dos rapazes que se encontravam em Barking, a carinhosa hospitalidade que lhe estavam dispensando, salientando o interesse e carinho votados aos seus hóspedes, pelas famílias que receberam escoteiros portugueses. Aludiu à maneira puramente escotista como os rapazes confraternizavam.

A festa seguiu com mais provas e competições desportivas e um animado fogo de conselho. A reunião terminou com o arrear da bandeira, após o que foi servido um abundante chá.

Foi uma festa interessantíssima, muito íntima, a que se associaram as famílias dos escoteiros, numa atmosfera de franca amizade.

Excursões e visita ao Festival

No sábado, os escoteiros visitaram o Hampton Court Palace, que servia de residência de verão dos reis de Inglaterra e Henrique VIII celebrizou. O palácio fica a cerca de vinte milhas de Barking, sendo a viagem feita de barco, através de uma paisagem maravilhosa. No parque do Palácio os escoteiros entraram no afamado labirinto que ali existe e levaram quase meia hora para encontrar a saída. Foi divertido cruzarmo-nos constantemente uns com os outros, voltando muitas vezes ao ponto de partida, o que provocava forte hilariedade e foi a nota alegre da tarde.

No Domingo, os escoteiros cumpriram os seus deveres religiosos e assistiram a pequenas festas familiares. O Chefe Moniz Silva passou o dia recebendo visitas de escoteiros e dirigentes, e, à noite, o Chefe Lino e a patrulha «Lusitânia» deram-nos a agradável surpresa da sua visita, juntando-se pela primeira vez, depois do desembarque, todo o contingente.

(Conclui na 6.ª página)

Barking, cidade dos arredores de Londres, recebeu com fidalguia e entusiasmo os escoteiros portugueses

(*Conclusão da 5.ª página*)

Na segunda-feira, os escoteiros visitaram o Festival Britânico enquanto os dois Chefes se dirigiram aos consulados de Portugal e da França para legalizar e pedir vistos nos passaportes.

Um pequeno «Jamboree» na sede imperial dos Escoteiros Britânicos

Na terça-feira visitámos a sede da *Boy Scouts Association* e almoçámos no refeitório que ali existe, apenas destinado aos membros nacionais e estrangeiros do movimento escotista, onde são servidas boas refeições a preços módicos. A diversidade de raças que ali encontrámos entre os escoteiros presentes, deu-nos a visão de um pequeno «Jamboree».

De tarde, visitámos a cidade, a Abadia de Westminster e o Museu Histórico, muito interessante, dirigindo-nos depois para bordo do navio de estudos polares, o «Discovery», onde o Capitão Scott fez a sua célebre expedição ao Polo, e que o Almirantado ofereceu para sede náutica e escola dos escoteiros marítimos.

A visita a este barco reveste-se do maior interesse cultural e escotista. Está funcionando a bordo uma exposição importante sobre expedições inglesas ao Antárctico, que constituiu uma lição valiosa para os rapazes, que se demoraram a observar as numerosas fotografias, gráficos, instrumentos e vestuários, tudo apresentado de forma clara e bem documentada. Pudemos ainda ver algumas câmaras reconstituídas da forma como estavam há 50 anos. O navio está muito bem cuidado, sendo todos os serviços desempenhados pelos escoteiros marítimos.

Outra festa de homenagem aos portugueses

À noite, os Escoteiros «Rovers» de Barking dedicaram uma festa em nossa honra num salão municipal, para a qual foram também convidados o Chefe Lino e os rapazes da patrulha «Lusitânia». Ao fundo da sala, a bandeira inglesa, o escudo português e as armas de Barking. A festa principiou com a confraternização do costume: jogos, brincadeiras e canções. Seguiu-se um fogo de conselho em que os nossos rapazes colaboraram com três canções. À certa altura do fogo, quase no final, os organizadores da festa chamaram os membros da patrulha «Portugal», os hóspedes de Barking, para junto da fogueira e, depois de esclarecerem que as armas da cidade eram usadas sòmente pelos «Rovers» da terra, apesar disso, em homenagem aos seus hóspedes, ofereciam uma insígnia a cada membro da patrulha. Ao Chefe Moniz Silva foi oferecido um lenço vermelho com as armas da cidade.

O Chefe Moniz Silva agradeceu a gentileza da oferta e a honra que lhe era feita pelos seus irmãos da hospitaleira Barking, afirmando a sua maior gratidão e a de todos os escoteiros portugueses. Aproveitou ainda o ensejo para agradecer ao povo de Barking o carinho com que tinham sido acolhidos e teve palavras de muito reconhecimento para os escoteiros e suas famílias que hospedaram os portugueses.

Esta simpática festa terminou numa autêntica apoteose. Trocaram-se vivas, saudações, num ambiente de amizade encantador que só o escotismo pode originar. A reunião encerrou-se com a já internacionalmente consagrada canção do «Adeus», a velha canção «Auld Lang Syre» (Devem esquecer-se velhas amizades?), enquanto os escoteiros davam as mãos, entrelaçadas.

Os escoteiros portugueses foram no final muito cumprimentados pela assistência numerosa, dezenas de escoteiros de todas as Divisões e muitas famílias.

E assim terminou a nossa estadia em Barking de que guardamos as mais saudosas recordações. No dia 22 dirigimo-nos para o «Gilwell-Park», onde participámos no Campo Internacional de Patrulhas.

MONIZ SILVA

OS ESCOTEIROS PORTUGUESES

VISITARAM LONDRES E OS SEUS MONUMENTOS, E ACAMPARAM NO CAMPO-ESCOLA «GILWELL-PARK»

(*Conclusão da 4.ª página*)

lizou-se um serviço evangélico ao ar livre, dirigido por Lord Bispo de Chelmsford, tendo uma numerosa assistência, contando-se entre ela os principais dirigentes acampados.

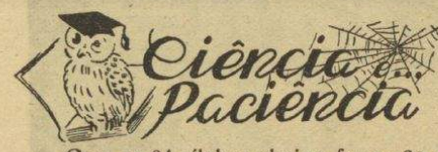
As cozinhas dos escoteiros portugueses despertaram a curiosidade dos visitantes do acampamento

O acampamento, com cerca de 800 tendas de diversos tamanhos e feitios, divididos em subcampos, cada um com a sua entrada e no cimo desta aposta a insígnia da região respectiva, formava um conjunto agradável à vista. Por sua vez os contingentes ornamentavam o seu campo segundo costumes regionais. Os campos portugueses não se deram a esse trabalho, sendo reconhecidos pela Bandeira ou Escudo Nacionais, mas construíram fogões e fornalhas em pedra, ferro e barro, que despertou a atenção quase das 20.000 pessoas que visitaram o acampamento nos dois dias destinados a tal, entre elas contámos o nosso Chefe Geral, Eng. José Maria Nobre Santos e sua Esposa que passaram duas tardes junto de nós.

Apesar do clima e regime alimentar bem diferentes dos nossos, vivemos dias felizes em franca camaradagem com as diversas raças e credos. De todos trouxeram os Escoteiros de Portugal uma lembrança, uma lição, uma amizade; e deixaram a gratidão aos escoteiros ingleses.

Que todos os que tiveram esta oportunidade procurem uma vida de compreensão e amor como a que foi vivida no Acampamento Internacional de Patrulhas.

ARMANDO LINO



CONCURSO

PROBLEMA N.º 11

Com as 64 sílabas abaixo, forme 32 dissílabos sinónimos das seguintes palavras:

Ventarola	Aldeia	Inexacto
Feiticeiro	Fraude	Flor
Recado	Sólio	Pègada
Ruído	Espécie de licor	Apresamento
Culto	Testemunho	Tagarelice
Prisioneiro	Competidor	Sossegado
Arquivo	Quieto	Mortal
Peixe	Anacoreta	Sinal
Ave	Sacerdote	Conto
Mendigo	Cãibra	Potência
Caverna		Povo

AL — BA — BE — BO — BRE — BRE — BRU — BUR — BUR — CA — CRA — CRE — DA — DER — DO — DRE — FAL — FRE — GE — GO — GRU — LA — LA — LE — LE — LEN — MA — MAN — ME — MON — MOR — NO — PA — PIS — PO — PO — PLE — TA — TA — TA — TAL — TAR — TE — TOM — TRE — TRE — TRO — TRU — VA — VAL — VO — XO.

Com as terceiras letras de cada palavra encontrada forme um provérbio português.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8

Tampa — prata — grito — lesto — lavor — prado — balda — credo — citar — trato — carpa — ardor — greta — leque — bruma — brete — cinto — bruto — lente — cacto — fraco.

«Mais vale tarde que nunca».

Mande-nos as soluções dos problemas. É sempre tempo de concorrer.



Grupo n.º 6 — Olhão

Comemoração do 26.º Aniversário

Este Grupo comemorou o 26.º aniversário no dia 8 de Junho com um Festival Escotista que se realizou no Estádio Padinha, gentilmente cedido para esse efeito pelo Sporting Clube Olhanense, e no qual, no dia anterior, foi montado um acampamento tendo a noite sido passada debaixo de tenda.

Pelas 9 horas da manhã, depois de terem chegado Delegações dos Grupos 60 e 77, respectivamente de Vila Real de St.º António e Faro, procedeu-se ao içar das bandeiras Nacional e dos Grupos, tendo-se cantado os hinos Nacional e o «É Lá!».

Em seguida procedeu-se à entrega de estrela de antiguidade, distintivos de classe, insígnias de capacidade, ao compromisso de honra de três novos aspirantes e à promessa de lobitos.

Finda esta parte do programa, todos os escoteiros foram completar a ornamentação dos subcampos, iniciando-se pelas 11 horas um desfile pelas principais ruas da vila.

O programa continuou às 18 horas com uma palestra proferida, através da aparelhagem sonora, pelo Escoteiro-sénior José Azinheira Rebelo, sobre as finalidades do Escotismo e os meios de que se serve para atingir os seus fins.

Seguidamente, e sempre com comentários a propósito do que se ia passando para esclarecimento do público, apresentou-se:

— Homógrafo em classe por todo o Grupo e pela Divisão Auxiliar Feminina;

— Duas classes de ginástica (júnior e sénior);

— 5 Pirâmides humanas;

— Jogos Educativos (10 números seleccionados).

Todos estes números entusiasmaram a assistência e foram dirigidos pelo Chefe-Adjunto Sr. Francisco Pina.

O Programa continuou à noite, pelas 22 horas, com a realização de um grande «Fogo de Conselho» presidido pelo Sr. Dr. Luís Benardino da Silva, ilustre Presidente da Comissão de Honra e Patrocínio do Grupo e com a presença do Digníssimo Presidente da Câmara Municipal de Olhão, Sr. Antero Nobre, bem como de outras entidades em destaque no meio olhanense e muita e entusiástica assistência.

Procedeu-se à entrega de prémios a escoteiros e às Patrulhas, referentes a diversos concursos, condecoração de dois escoteiros-guias Fernando Simões e Manuel Carlos Mendonça, aposição da 26.ª estrela na bandeira do Grupo e, para terminar esta parte do Fogo de Conselho, foi entregue à Câmara de Olhão, na pessoa do seu ilustre Presidente, a medalha de Dedicação e Bons Serviços — classe Ouro, da A. E. P., em prova de reconhecimento pelo constante auxílio que tem prestado ao grupo n.º 6.

Este acto foi antecedido por breves palavras do Sr. Presidente da Comissão de Honra e Patrocínio, tendo depois o Sr. Antero Nobre agradecido a distinção num elegante improviso,

Seguiu-se a parte recreativa do programa que constou de canções com números originais de Francisco Pina, recitativos, anedotas, cenas cómicas, etc.

As canções tiveram o acompanhamento musical do nosso camarada Sr. Manuel Casaca, que mais uma vez contribuiu para o brilho e interesse que as festas do «6» despertam no simpático povo de Olhão.

EGAS RISONHO

Acampamento Internacional de Patrulhas



O contingente português a bordo do «Highland Monarch»

Dos Amigos do "Sempre Pronto„

De luto — Encontra-se de luto o nosso prezado amigo e assinante, antigo escoteiro do Grupo n.º 53, Sr. Samuel Vieira, pelo falecimento de seu pai, Sr. Manuel Vieira.

À família enlutada e, em especial, àquele nosso amigo, apresentamos a manifestação do nosso pesar.

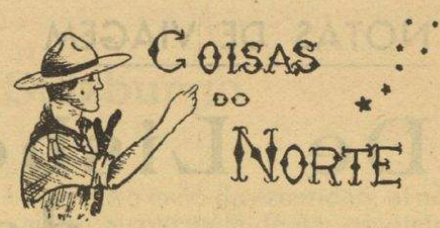
● Pelo falecimento de sua sogra em Julho passado, Sr.ª D. Maria José Ramos, encontra-se de luto o nosso companheiro de trabalho Sr. Faustino Leitão, a quem, bem como a sua Esposa, apresentam condolências todos os que trabalham no *"Sempre Pronto„*.

De Viagem — Em Junho passado embarcou no Império, para Angola e S. Tomé, o nosso estimado amigo Rev. Joaquim Rosa Baptista, presidente da direcção do Grupo n.º 94, em visita ao trabalho missionário daquelas províncias, especialmente de S. Tomé, de cuja comissão missionária é digno presidente. Desejamos uma viagem de regresso muito feliz.

Doentes — Encontra-se novamente retido no leito o Sr. Carlos Augusto Monteiro de Sousa, antigo e dedicado Tesoureiro da Região Centro. Este nosso bom amigo, que esteve bastante mal, tem melhorado sensìvelmente, com o que nos congratulamos, expressando os nossos melhores desejos de completo restabelecimento.

● Também a Mãe do Chefe do Grupo 53, Sr. Armando Lino, que há meses se encontra muito enferma, conseguiu últimamente algumas melhoras. Formulamos votos de que elas se acentuem cada vez mais.

O "SEMPRE PRONTO„
Vende-se em Lisboa na
Tabacaria Boa-Hora
Rua Nova do Almada, 46



Festas da Cidade do Porto

Abriram as Festas da Cidade com importantes corridas de Motocicletas e Automóveis, que atraíram ao local do percurso milhares de pessoas. Os escoteiros deram a sua colaboração fazendo o serviço de assistência com os Bombeiros Voluntários do Porto, tendo estes enviado à chefia do Grupo 15 um amável ofício, no qual comunicam o agradecimento dos Bombeiros «pela boa vontade, dedicação e muito zelo dispensado pelos elementos do referido Grupo e ainda pelas atitudes assumidas, que honrando-os, nobilitam grandemente o grupo a que pertecem».

No último dia das Festas, efectuou-se o Cortejo do Vinho, que fez deslocar para as ruas do percurso milhares de pessoas interessadas em presenciar tão admirável espectáculo. Os escoteiros, à semelhança do quê têm feito nos anos anteriores, prestaram valiosa colaboração, conservando a organização do cortejo e dirigindo-o na parte que lhes foi confiada; distribuíndo água pelos componentes dos ranchos e pela assistência que a solicitava. Foi incansável o trabalho destes rapazes durante todo o percurso, trabalho este que mereceu da Comissão de Festas da Cidade os melhores elogios, conforme comunicação que nos foi feita e que muito nos enobrece.

Bivaque

No dia 8 de Julho, bivacou a Região no Pinhal de Ruaz, Vila Nova de Gaia, em preparativos para o Acampamento Internacional de Patrulhas, a realizar em Londres. Saliente-se desse trabalho em conjunto, uma ponto Himalaia feita a alguns metros de altura e pela qual passaram todos os escoteiros que ali estiveram. A experiência desta ponte foi feita pelos chefes dos grupos 15 e 91, podendo afirmar-se que é a melhor experiência para pôr à prova a sua segurança. À tarde, depois da festa de Campo, que decorreu animada, todos voltaram aos seus grupos satisfeitos pelo dia que passaram em tão fraternal convívio.

Acampamento

Nos dias 28 e 29 de Julho acamparam, na quinta do Juca, em St.º Ovídio, Vila Nova de Gaia, os grupos 15 e 91. Esta quinta, gentilmente cedida pelo seu proprietário, constitui um local admirável para acampamentos. Fizeram-se vários trabalhos, com os quais os escoteiros muito aproveitaram, tendo-se notado grande interesse por parte de todas os rapazes. À tarde realizou-se a Festa de Campo a que assistiram várias pessoas que ali foram visitar-nos, especialmente famílias dos escoteiros, que mostraram o seu contentamento pelo que presenciaram.

Acampamento Internacional de Patrulhas, em Londres

Para tomar parte neste acampamento estão a preparar-se dois rapazes que vão representar a R. N. São eles o guia júnior, do grupo 15, José Mendes dos Santos, guia da Patrulha Búfalo; e o sub-guia júnior da Patrulha Leão, Alfredo Ferreira da Silva, do Grupo 91.

Esperamos que com estes dois rapazes a R. N. seja condignamente representada no Acampamento Internacional e fazemos votos para que regressem com apreciável aproveitamento escotista.

NOTAS DE VIAGEM

De Lisboa ao "Jamboree" de Salzburgo

— *Jamboree!* — eis uma palavra que soa màgicamente aos ouvidos de tantos rapazes, por esse mundo fora. Como um toque de alvorada, é o sinal combinado para eles partirem a reunir-se aos seus irmãos de outras nações na mais alegre e na mais extraordinária de todas as confraternizacões.

Um *Jamboree* é de facto um acontecimento que tem o seu quê de transcendental! É uma cidade-fantasma ou uma cidade-cogumelo. Em pouco tempo, ergue-se num ermo uma cidade de lona superpovoada, cujos habitantes, das mais variadas raças e línguas, nos mais variados trajes, entregam-se a uma vida alegre e despreocupada. Mas a duração dessa cidade é precária e dentro em pouco começa o êxodo da jovem população. Em poucas horas, a cidade, tão risonha e viva, desaparece e dela não resta mais que a saudade nos corações daqueles que regressam aos seus lares!

É isto um «Jamboree»! É este doce mistério que enfeitiça os escoteiros de tantas nações, que os prende e que os leva através dos mares a conhecerem os seus irmãos de outras raças, de outras latitudes, mas iguais nos ideais que os guiam e que os unem na mais maravilhosa confraternização! Doce mistério que só o Escotismo consegue realizar.

Portugal no «Jamboree» de Bad Ischl

Por diversos motivos, não foi possível à A. E. P. enviar o seu contingente, segundo fomos informados. Contudo, o C. N. E. pôde enviar uma delegação ainda que simbólica de dois escoteiros juniores e alguns seniores. Dirigentes escotistas portugueses visitaram também o grande acampamento, de sorte, que o nome de Portugal não foi completamente desconhecido no *Jamboree* de 1951, o que, para todos nós, constitui um motivo de agrado.

O «*Sempre Pronto*» também ali esteve representado, com o seu corpo directivo na máxima força. Na viagem para a Áustria, acompanhou a «caravana» do «*S. P.*» o nosso camarada Ernesto Nascimento, escoteiro-chefe da Região de Lisboa, que se deslocava ao *Jamboree* na qualidade de observador oficial da A. E. P.

A ida do «*S. P.*» a Salzburgo tinha por fim colher impressões daquele grande acampamento escotista e dá-las a conhecer aos nossos irmãos-escoteiros portugueses que, por qualquer razão, não puderam estar na Áustria com os seus irmãos de todos os continentes. A tarefa é difícil, mas a boa vontade pode muito... Cheguemo-nos portanto à fogueira e oiçamos...

De Lisboa a Madrid

Sábado, 28 de Julho. Estação do Rossio. Estão ali reunidos alguns escoteiros, amigos e pessoas de família que se vão despedir de quatro escoteiros portugueses que partem para o «Jamboree». Há alegria em todos. O comboio inicia a marcha; os lenços brancos flutuam no ar; alguns trocam entre si a saudação escotista. O comboio vai entrando no túnel, já com velocidade. Só alguns braços persistem na despedida... até que a última carruagem desaparece na escuridão...

A viagem até Madrid foi muito auspiciosa. Acompanhados até Castelo de Vide pelo nosso camarada do «94» Júlio Maria Reis que, com sua família, ia em gozo de férias para aquela interessante povoação do Alto Alentejo, tudo decorreu da melhor maneira.

No percurso de Espanha, tivemos por companheiros dois nossos compatriotas bastante jovens, que se dirigiam à capital espanhola. Quer dizer: no compartimento em que seguíamos, todos eram da nossa nacionalidade. Foi resolvido que ali não seria permitida a entrada senão a portugueses. Um dos nossos companheiros de viagem, estudante, envergava capa e batina; como fantasia de estudante, a sua capa tinha bordada no avesso uma caveira e duas tíbias. Por unanimidade foi decidido fechar a porta do compartimento e apagar a luz, tapando a porta envidraçada com a capa do estudante, deixando bem à vista de quem passasse no corredor o tétrico bordado...

Resultado: durante toda a noite não mais fomos incomodados... Só de manhã é que o revisor do comboio se atreveu a perguntar, em nome dos outros passageiros, o que queria dizer aquela horrível «calavera»...

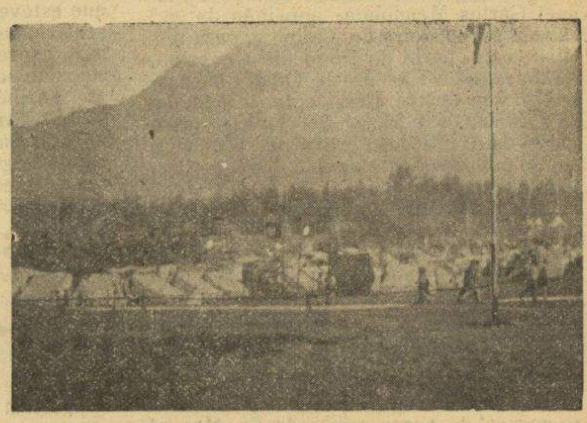
Em Madrid

Mais uma vez nos foi dado passar dois dias agradáveis na bela

(Continua na 9.ª página)



Um aspecto do Jamboree



A montanha servia de fundo a todos os subcampos

NOTAS DE VIAGEM

De Lisboa ao "Jamboree„ de Salzburgo

(Continuação da 8.ª página)

capital espanhola, onde o «*Sempre Pronto*» conta tantos amigos dedicadíssimos, alguns dos quais colaboradores dos mais apreciados.

Enrique Genovés e sua Esposa, D. Loreto Azpeitia y Lopez de Ayala; e Víctor Jimenez, José Magallón, José Forasté, Ramon Taibo, Enrique Saco, Medina e tantos outros cumularam-nos de atenções tais que a nossa passagem naquela cidade constituiu, como doutras vezes, uma das melhores recordações da nossa viagem.

Pela inigualável hospitalidade destes nossos Amigos, pode dizer-se que Madrid para nós já não é uma cidade estranha; ali todos nos sentimos como se estivéssemos na nossa Lisboa.

A Estadia em Paris

Por amável deferência do nosso prezado Irmão-Escoteiro Georges Le Muet, chefe da «Troupe Liberté», de Paris, durante a nossa estadia na capital da França, estivemos instalados na sede daquele grupo.

A sede do Grupo «Liberté», ocupa dois pisos de um edifício em Vaugirard. Ali armámos o nosso «acampamento» e cozinhámos algumas das nossas refeições. Eis uma interessante sugestão que pode ser aproveitada por alguns dos nossos grupos de escoteiros: transformar as suas sedes para servirem como eventual albergue de escoteiros que visitem as nossas cidades.

«Jamboree» à vista!

Na tarde do domingo 5 de Agosto chegámos a Salzburgo. O «Jamboree» ficava a cerca de 50 km. da cidade e era necessário tomar um pequeno e vagaroso comboio que nos conduziria até às proximidades de Bad Ischl. A viagem era sugestiva: ao pitoresco do comboiozito e à agradável companhia de um punhado de alegres militares franceses das forças de ocupação da Áustria, mas que, como escoteiros que eram, se dirigiam também para o grande acampamento, juntava-se o maravilhoso da paisagem. Como dissemos num dos últimos números, a região de Salzkammergut é considerada das mais belas da Europa. Pelo que nos foi dado observar, podemos testemunhar que a afirmação deve ser absolutamente verdadeira.

O percurso que o comboio ia cobrir era de facto dos mais surpreendentes que nos tem sido dado observar. Agora, ao lado da linha férrea, aprumam-se as maravilhosas montanhas da Áustria, sob frondosos bosques verdejantes, repassantes de verdura. Mais adiante, visão do paraíso! contornamos um dos magníficos lagos do Salzkammergut, sossegado, onde, aqui e além, riscam o espelho barquitos engalanados de excursionistas ou as humildes embarcações dos pescadores. As típicas aldeias da Áustria debruçam-se mansamente para gozar da frescura das águas e as torres pontiagudas das igrejinhas reflectem-se na superfície aquosa. É isto o Salzkammergut! É isto aquela região de sonho, que ficará para sempre inolvidável nas mentes daqueles milhares de rapazes que em Agosto a visitaram!

É difícil descrever o encanto desses vales viçosos, com mil e um chalés de camponeses, disseminados por toda a planície, ou a majestade



Lady Olave Baden-Powell, viúva do Fundador, visita o Jamboree e conversa com alguns escoteiros.

dos cumes esbranquiçados pela neve, sobranceiros a lagos formosos e solitários! Pois era esta região que íamos atravessar.

O comboio começou a sua carreira vagarosa, enquanto os escoteiros iam entoando as alegres canções do seu reportório. De vez em quando ficava para trás uma estação, onde o chefe, sorridente, empunhava garbosamente a bandeira do sinal.

Porém, em determinada altura do trajecto, uma das locomotivas que puxavam o combóio, deixou de funcionar. Tinha perdido qualquer peça! Os escoteiros aproveitaram logo o acontecimento para fazer humorismo. «*Vamos procurar o parafuso!*» gritavam eles de uns para os outros, enquanto caminhavam através da linha férrea.

Quando a noite já há muito tinha caído é que chegámos ao *Jamboree*. No meio da escuridão, aí nos valeu a solicitude de um escoteiro austríaco, que nos guiou até ao ponto do destino.

O «Jamboree» de 1951

O lema do *Jamboree*, «Simplicidade», embora seja um princípio escotistamente muito interessante, não se coaduna muito bem com reuniões desta natureza. O *Jamboree* da Áustria foi prejudicado em parte por não oferecer as comodidades inerentes a acampamentos desta grandiosidade. A falta de iluminação à noite foi muito sensível, tanto mais que as noites eram bem escuras, o que tornava dificílima a orientação. Os fogos de conselho também foram prejudicados por falta de iluminação. Os interessantes números folclóricos que algumas delegações apresentaram, não tiraram os devidos efeitos, especialmente para os espectadores que ficavam mais afastados, por falta de visibilidade.

Também os serviços de correio não primavam pela organização. Por esse motivo, não chegaram às nossas mãos algumas cartas que nos tinham sido enviadas, e só com muita dificuldade conseguimos algumas outras.

Os serviços de informações na estação de Salzburgo, também pecavam por carência de intérpretes. A mor parte dos escoteiros desses serviços só conheciam o idioma da sua pátria, o que era evidentemente pouco.

Porém, é justo que a par destas deficiências, falemos também de tudo aquilo que nos impressionou favoràvelmente. Em primeiro lugar, devemos dizer que ficámos verdadeiramente encantados com a hospitalidade dos escoteiros austríacos e também de todo o povo daquele país. É de enaltecer a afabilidade com que todo o povo recebia os forasteiros. Como símbolo deste cavalheirismo, recordamos o Chefe do Campo dos Chefes Isolados, onde fomos instalados, Prof. Dr. Roger Kerber.

Quando da nossa chegada, como a noite já ia adiantada e tinha chovido bastante nesse dia, não teve dúvida em nos oferecer a barraca da secretaria do subcampo para nela ficarmos instalados, oferta que foi de grande utilidade para nós, pois nos resolveu uma grande dificuldade.

Outra característica digna de enaltecer é a do local do acampa-

(Continua na 10.ª página)

NOTAS DE VIAGEM

De Lisboa ao "Jamboree„ de Salzburgo

(*Continuação da 11.ª página*)

um ponto ideal para umas férias inolvidáveis.

No entanto, o tempo passava e éramos obrigados a deixar a agradável povoação. Era necessário regressar ao *Jamboree*. A noite não tardaria. E assim foi: dentro em pouco o nosso autocarro corria pelas estradas do Salzkammergut, rumo ao acampamento...

Quando chegámos, o Sr. Kreindl teve palavras muito gentis para connosco. Explicou-nos que em Linz, a cidade onde mora, há um clube ibérico que ele fundou, que é muito concorrido. Deu-nos a saber que, naquela cidade, dirige cursos de várias línguas, mas que o curso de português é de todos o mais concorrido. Ao despedir-se de nós falou da possibilidade de, para o ano, visitar o nosso país. — *Saudades ao nosso Portugal!* — disse quando nos deixou.

A retirada do «Jamboree»

No entretanto, o tempo começara a piorar. De vez em quando chovia e, então, uma humidade penetrante impendia sobre os vales da Áustria. Nós, com a nossa ligeira tenda de campanha que usamos durante os quentíssimos estios da nossa terra, com poucos agasalhos, não tínhamos condições para enfrentar aquelas temperaturas. Uma tarde, quando voltámos ao nosso campo, encontrámos as camas molhadíssimas. Foi necessário grande trabalho para conseguirmos arranjá-las convenientemente para passarmos bem a noite.

Por causa disso, foi resolvido por unanimidade deixarmos o acampamento no dia seguinte ao da excursão. E assim sucedeu. No outro dia, logo pela manhã, principiámos os preparativos para a retirada, e pelo meio-dia tomámos o comboio para Salzburgo, enquanto a chuva caía continuamente... Tinha terminado para nós o *Jamboree* de 1951, que tão boas recordações nos deixou.

Na viagem para Salzburgo, tivemos por companhia duas escoteiras do Liechtenstein que tinham ido visitar também o acampamento. Duma simpatia pouco vulgar, as duas guias foram para nós muito prestimosas em Salzburgo, ajudando-nos como intérpretes a comprar os bilhetes para continuarmos a viagem.

Como ficámos mais dois dias em Salzburgo, uma dessas guias teve a gentileza de vir a Buchs (Suíça), quando da nossa passagem, para se despedir de nós. Milagres do Escotismo.

Salzburgo, a cidade de Mozart

Salzburgo é uma pequena cidade mas que guarda para si uma glória: foi ali que nasceu um dos maiores génios musicais que o mundo tem conhecido: — Mozart.

Durante a nossa estadia, tivemos ocasião de visitar o Palácio Episcopal, onde vimos a sala onde o músico genial dava os seus concertos. E muitos outros locais nos fazem lembrar Mozart, como o monumento, a casa onde nasceu, etc.

Salzburgo está presentemente inundada pelos americanos, em virtude de estarem ali aquarteladas as forças americanas de ocupação.

O regresso

Deixada Salzburgo, começou o regresso a Portugal. Atravessámos o Tirol e Suíça e ficámos dois dias em Genebra, onde assistimos às festas da cidade. Não queremos deixar de nos referir à impressão que nos deixou a organização do turismo naquele país. Aos visitantes são concedidas todas as facilidades para que a sua estadia não seja prejudicada pelas sempre desagradáveis peias burocráticas.

A educação e o nível de vida do povo suíço também são dois factos dignos de se apreciar. Lá vimos, pelas ruas, os banquinhos com jornais à venda, sem necessidade de vendedor.

A propósito de jornais: um anunciava em grandes parangonas: *Tragédia Familiar em Aigle*. Que tragédia seria essa? perguntámos. Soubemos que se tratava de um homem que, em despeito das recomendações dos guardas da polícia, tinha voltado a bater na mulher e, portanto, havia sido levado ao calabouço! Cena vulgar em Portugal; tragédia na Suíça. Simples diferença de longitudes...

França-Espanha-Portugal

O regresso a Portugal fez-se através do sul da França, com paragem de um dia em Lião.

Em Espanha, descansámos dois dias em Barcelona, onde mais uma vez pudemos ter o prazer de cumprimentar os nossos amigos daquela cidade, que primam sempre pela hospitalidade com que distinguem os que a visitam.

Em Madrid, a nossa estadia foi muito curta, mas mesmo assim ainda tivemos o ensejo de apreciar a convivência com os numerosos amigos que ali vivem.

E, por último, o regresso a Lisboa...

* * *

Assim terminámos a nossa digressão pela Europa. De tudo o que nos foi dado ver e apreciar, uma impressão perdura: é possível a paz e a compreensão entre todos os povos. Ainda quando as crenças ou as ideologias parecem dividir os homens, é possível reuni-los num

(*Conclui na 14.ª página*)



Os escoteiros portugueses a caminho do Jamboree. Da esquerda para a direita Ernesto Clímaco do Nascimento, Eduardo e Joel Ribeiro, e Capitolino Ferreira Macedo



A «patrulha» instalada no Campo de Chefes-visitantes, de que faziam parte os quatro escoteiros portugueses, Suíços, Ingleses e Indochineses.

O "POW-WOW,, DO VELHO LOBO

6.ª PALESTRA

Meus Irmãos:

Não é em vão que ao grande Movimento Escotista se tem chamado uma Fraternidade. E não é em vão, porque B.-P. tinha essa fraternidade em vista ao lançar-lhe as bases. Sem essa pedra angular, grande parte do programa escotista deixaria de ter razão de ser.

De facto; a ideia de fraternidade não podia estar ausente da Lei, cujo 4.º artigo reza:

UM ESCOTEIRO É AMIGO DE TODOS E IRMÃO DE TODOS OS OUTROS ESCOTEIROS, SEJA QUAL FOR A CLASSE SOCIAL A QUE PERTENÇA.

Dentro do Movimento somos todos, portanto, irmãos, porque nos une o mesmo Ideal, o mesmo Amor, a mesma Crença. O uniforme não é mais do que a expressão visível, material desse amor fraterno de uns pelos outros.

Tal amor não deve, porém, ter-se por imposto a não ser pela consciência de cada um. E a consciência impõe-no-lo como corolário lógico do ideal escotista. O Escotismo foi criado com um alto intuito patriótico e humano, apenas do ponto de vista inglês. Mas os seus primeiros resultados foram tão lisonjeiros e as suas bases ideológicas eram tão amplas, que breve se reconheceu a possibilidade de se estender aos outros países. Isto explica o seu êxito.

Evidentemente que a sementeira de B.-P. nem toda caiu no bom terreno, aliás, pelo simples facto de terem sido Escoteiros, os homens de hoje teriam posto de parte por completo a ideia do recurso à guerra como meio de resolverem os diferendos internacionais. Se os princípios básicos do Escotismo tivessem penetrado fundo na alma de muitos adolescentes de há 30, 40 anos, a horrível carnificina de 1939-45 jamais seria possível, porque a verdadeira fraternidade exclui toda a ideia de luta que não seja em defesa da Verdade, da Justiça e do Direito.

Isto levar-me-ia, meus Irmãos, a trazer à colação os motivos por que aparentemente falhou, o que não está dentro do âmbito desta palestra. Aqui o que pretendo acentuar e, sobretudo, que fixeis bem, é que sem uma sólida base fraternal nenhum movimento educativo pode vencer, ou, pelo menos, arrogar-se tal nome.

E notai que não é privilégio do Escotismo ter criado a ideologia da Fraternidade, que antigos filósofos e moralistas preconizaram e que encontrou em Jesus Cristo a pessoa que de forma lapidar a definiu: «Amai-vos uns aos outros como eu vos amo». A despeito duma tal imposição moral, dois mil anos de Cristianismo não conseguiram destruir para sempre o ódio que gera as guerras, e as injustiças sociais que geram o ódio. Que admirar, pois, que um Movimento moderno, que não teve por criador quem se chamava Deus, não conseguisse em quatro breves décadas, o que a Lei evangélica não conseguiu em vinte séculos?

E no entanto, meus Irmãos, bastaria que cada um de nós, para ter a noção da fraternidade, olhasse para dentro de si e meditasse um pouco sobre o que a consciência lhe impõe. A Fraternidade é mãe da abnegação e do altruísmo, e encontrou nos Santos a mais alta expressão humana que poderia desejar-se. Amar a Deus no próximo foi o ideal máximo desses Santos, heróis da Fé, heróis do Amor. E ainda que não sintamos dentro de nós brilhar essa luz fulgurante da Fé, alimentada por Deus para os mais altos fins, não podemos deixar de admirar, mesmo do ponto de vista humano, o heroísmo desses santos que, como João de Deus, Francisco Xavier, Francisco de Assis e João de Brito, Vicente de Paula e tantos, tantos mais, fizeram do amor do Próximo a corporização mística do amor de Deus. Notai ainda que muitos desses Santos, como Francisco de Assis e João de Brito, eram filhos de famílias nobres, o que lhes permitiria disfrutar das benesses que o Mundo concede aos bem nascidos. E no entanto, tudo abandonaram para seguir a Deus, não fazendo egoìstamente como os anacoretas, que se encerravam nas solidões dos desertos e viviam vida quase de feras, mas vieram para o Mundo, a ele se misturaram, para amarem Deus no Próximo. Eles vieram ao encontro de todos os males, de todas as dores, de todos os sofrimentos, para os mitigarem e para mostrarem aos outros homens que a flor rara do amor pelos semelhantes não se fanara e não morrera. Aos homens levaram palavras de fé, palavras de esperança, palavras de caridade, e, falando-lhes de Deus, não se esqueciam que nos que sofrem em geral antepõem-se as dores próprias a tudo o mais. Daí a acção admirável e comovedora de João de Deus e de Vicente de Paula, a acção dessa mulher providencial que foi a Rainha Isabel de Aragão, a verdadeira fundadora da caridade oficial na Europa e no Mundo.

Dir-me-eis, meus rapazes, que nem todos podem ter alma de Santos. Duvido: a questão está no QUERER. Desde que reconheçais que sois seres humanos e que estais ligados, por laços familiares de raça, de língua, de religião, de nacionalidade a outros homens, a consciência impõe-vos o dever de os considerardes como vossos irmãos.

Dentro do Escotismo tal dever é ainda mais premente do que na sociedade. Nós constituímos um Movimento renovador e aquele que mais fundo pode ir, e que mais vasto campo pode abranger, porque somos um Movimento educativo. Se cada um de nós se resolver a deixar de ser o que é para se transformar no que devia ser, dentro de breves anos a face do Mundo estará completamente mudada.

Devemos começar por, dentro da família, aplicarmos os nossos princípios, os artigos da nossa Lei. O que primeiro se nos impõe é precisamente o da amizade pelos nossos. Amando os que nos devem ser caros pelo sangue, sentir-nos-emos menos renitentes a amarmos os nossos semelhantes. E assim, de etapa em etapa, poderemos, sem esforço, estender o nosso amor a todos os homens, na verdade nossos irmãos.

Essa fraternidade pode manifestar-se de mil-e-uma maneiras: pelo tratamento afável de quantos connosco convivem; consolando os aflitos; impedindo a agressão dos mais fracos; auxiliando os estropiados a vencer obstáculos que se lhes apresentam; esclarecendo os que pedem conselho; evitando que os ignorantes sejam vítimas dos que se valem da sua ignorância para prejudicá-los; ensinando os que necessitam de que os ensinem; defendendo as crianças mesmo de outras que as maltratem; admoestando as que esquecem os seus deveres sociais ou familiares; ajudando os que não podem pagar a quem o faça; sobretudo, considerando todos os homens como seus iguais.

Cada um de vós pode, muito fàcilmente, saber qual o seu dever em determinada conjuntura; basta que se pergunte, sinceramente: — «Que desejaria eu que me fizessem se me encontrasse na mesma situação?» A

(Conclui na 14.ª página)

O «POW-WOW» DO VELHO LOBO

6.ª PALESTRA

(Conclusão da 13.ª página)

consciência, meus Irmãos, não deixará de acorrer ao vosso apelo esclarecendo a vossa dúvida. Seguindo a sua voz, tereis cumprido o vosso dever.

Como Escoteiros estais ligados à grande Fraternidade que se estende por todo o Mundo. Deveis, portanto, considerar cada Escoteiro como vosso irmão, porque, tal como vós, enverga um uniforme que, exactamente porque é uniforme, o não distingue de qualquer outro Escoteiro senão por pequeninas diferenças de pormenor, muitas vezes impostas pelos costumes da sua terra. Aprendendo a amar esse vosso irmão, viva ele no Canadá, na Austrália, no México ou na Islândia, compreendereis melhor qual a necessidade premente que tem o homem de viver em paz, porque sem a paz não há progresso, espiritual, moral ou material.

No dia em que todos os homens tiverem sido Escoteiros e, mais ainda, se tiverem deixado penetrar dos preceitos da Lei, nesse dia, meus rapazes, reinará verdadeiramente a paz no Mundo, e os canhões enferrujarão nos museus, como armas usadas numa época bárbara. Depende de nós, depende de vós o advento dessa nova idade de Ouro, factível tão sòmente pelo forte poder da vontade, pela obediência às leis da consciência.

O VELHO LOBO NEGRO DO NORTE
E. C. D.

NOTAS DE VIAGEM

De Lisboa ao "Jamboree„ de Salzburgo

(Conclusão da 12.ª página)

ambiente de amizade e de compreensão, porque em todos se sente o mesmo anseio de paz, a mesma repugnância pelos ódios e pela guerra.

O escotismo pode orgulhar-se desse milagre, que é, certamente, uma das suas grandes vitórias e uma força que dia após dia se mostra mais poderosa.

JOEL RIBEIRO

• • o • •

BALCÃO ESCOTISTA

Fardamento e algum material de campismo, vendo em conta. Rua de Santa Marta, 18-1.º Esq. Lisboa.

Jacinto dos Reis Moniz Silva

Este nosso estimado amigo, dedicado Agente-correspondente do «*Sempre Pronto*» em Angra do Heroísmo, que chefiou a deputação dos Escoteiros de Portugal que foi a Londres representar o nosso País no Acampamento Internacional de Patrulhas, embarcou para os Açores, no dia 8 do corrente, a bordo do Lima.

No dia 7, o Corpo Directivo do nosso jornal ofereceu-lhe um chá, que decorreu num ambiente de grande intimidade, tendo a presença do homenageado, do Chefe Sr. Armando Lino, que foi o Subchefe da deputação portuguesa; e dos Srs. Eduardo Ribeiro e Esposa; Capitolino Ferreira Macedo e Esposa; Joel Ribeiro, Faustino Leitão, Ernesto Clímaco do Nascimento e Eduardo Rolão e Esposa.

No final, o Director do *Sempre Pronto* manifestou a sua satisfação pela presença do Chefe Moniz Silva, um dos bons colaboradores do nosso jornal, que desde o primeiro número tem sido um dedicado amigo, desejando-lhe uma feliz viagem até junto dos seus queridos. Referiu-se ainda ao facto de estarem presentes todos os que trabalham na redacção e administração do *Sempre Pronto*, com uma excepção, o redactor Carlos Fernando Garcia, lamentando que a doença o impossibilitasse de estar presente, embora tivesse a satisfação de poder informar que o seu estado de saúde era bastante optimista e a caminho do restabelecimento.

O Chefe Moniz Silva agradeceu sensibilizado e manifestação de estima que lhe era feita pelos membros do *Sempre Pronto* e afirmou que com muito prazer dava a sua colaboração ao jornal, pois reconhecia a utilidade que tinha para o Movimento e, embora outros pudessem ter opinião diferente, estava convencido de que tinha sido o *Sempre Pronto* que tinha mantido e sustido o Escotismo em Portugal no período difícil que atravessou. Só os grupos que viviam isolados — disse — podem compreender o serviço que o nosso jornal tem prestado.

O Chefe Moniz Silva terminou afirmando a sua disposição de continuar cooperando na divulgação do *Sempre Pronto* ao serviço do ideal escotista.

• • o • •

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

UM ESCOTEIRO NA RESISTÊNCIA

Emocionante relato da guerra de «maquis»

Do «SCOUT» N.º 1

A heróica e trágica resistência de Vercors está de hoje em diante inscrita na História da França. Um Escoteiro-Chefe francês, Pierre de Montjamont, comandava ali a partir de 1943 um dos Estados-Maiores principais. Ele próprio fez a narrativa duma das suas missões durante estes meses de guerra de «maquis» na qual as melhores qualidades a manifestar eram as dos nossos jogos escotistas, de exploração, seguimento de pistas, dissimulação, etc....

«Há doze dias que Vercors se encontra cercado. Ao cabo de violentos combates, as suas fortificações foram tomadas por duas divisões alemãs que, invadindo o planalto, puseram tudo em fogo e em sangue. Os sobreviventes das unidades que defendiam Vercors, perseguidos sem descanso por autênticas batidas, reorganizaram-se em pequenos grupos extremamente móveis, que não abandonam as matas e devem frustar continuamente as manobras inimigas. Para isto, é da maior importância estar sempre em comunicação uns com os outros e saber sempre onde se encontram as forças alemãs. Devemos, pois, percorrer Vercors sem cessar, expondo-nos a todo a momento a cair nas mãos duma patrulha alemã em marcha ou em emboscada. Verdadeiro trabalho de Escoteiro, tal como o viveu Baden-Powell nas Índias e na África do Sul.

«Encontrava-me esta tarde com o meu grupo de 20 homens numa impenetrável moita de buxo, nas elevações que dominam Saint Laurent, em Royans. O homem que estava de ronda informa-me que ouve assobiar ao longe. Ponho-me à escuta... é, sem dúvida, o nosso sinal combinado, o estribilho do 6.º B. C. A. Nós respondemos e guiamos assim o visitante, alternando os nossos sinais com os dele, mas tomando todas as precauções. Em breve ouvimos passos na moita e vemos aparecer o tenente-coronel H., chefe de Vercors. Chama-me à parte, desenrola um mapa. Resume a situação. «Tenho notícias não confirmadas de movimentos de tropas. É preciso saber o que se passa na região de Saint Agnan. É necessário que se faça um reconhecimento».

«Estudo o meu itinerário. Saint Agnan fica bem a sete horas de caminho. É necessário partir ainda esta tarde. Calculo o ângulo de marcha, pego nos meus binóculos, introduzo na mochila 3 cargas de metralhadora, a minha plumagem, 2 latas de atum, alguns bocados de açúcar e o cinturão guarnecido de granadas, seguido a vinte metros por um soldado fiel.

«Com a bússola na mão para não perder a direcção, avanço através do bosque no maior silêncio. A marcha é lenta pois é preciso evitar o menor ranger de ramos, que nos poderia atraiçoar. Graças a Deus tudo corre bem e assim andamos três horas até ao pôr do sol. Não trocámos uma só palavra. Arreio a mochila. Jantamos uma lata de atum e deitamo-nos com a metralhadora ao lado. Antes disto, como aliás em todas as noites ou quase todas, desenhei com a minha caneta na casca da árvore que nos abriga, a imagem de Notre-Dame de la Route e, confiando na sua protecção, adormeço aos pés dela.

«3 de Agosto de 1944, 5 h. e 30 m.—São horas de levantar, não há tempo para «toilette». Em breve estamos prontos. Comemos cada um dois bocados de açúcar e retomamos a nossa monótona caminhada.

«Eis uma estrada que é preciso atravessar. Aproximo-me da orla do bosque, escuto, depois estico lentamente a minha cabeça rente ao chão; nada à direita, nada à esquerda, nenhum ruído, nenhumas pegadas recentes na estrada. Continuemos! Saltamos a estrada como cabritos e encontramo-nos de novo no bosque. Têm sido muitos os camaradas que não usando estas precauções se deixaram abater por metralhadoras escondidas e postas de maneira a dominar certos troços de estrada.

(Continua)

A Romagem a França dos Antigos Combatentes

constituiu uma jornada de saudade e ofereceu uma oportunidade para a França prestar homenagem ao esforço dos Portugueses na Guerra

O «Sempre Pronto» desejava dar um relato aos seus leitores da romagem que os antigos combatentes portugueses fizeram a terras de França, já porque nos interessamos por todas as actividades que conduzam a um bom entendimento internacional, já porque se tratava de prestar homenagem aos portugueses que caíram no cumprimento do dever e ainda porque esta jornada a terras francesas se revestiu de extraordinário brilhantismo e se traduziu numa manifestação de simpatia a Portugal.

Uma palestra pronunciada no Clube Rotário de Setúbal por um dos ilustres componentes da romagem, um bravo combatente da primeira Grande Guerra, o Sr. Coronel Bento Esteves Roma, deu-nos a oportunidade que desejávamos. Dessa palestra recortamos alguns trechos, que, estamos certos, muito interessarão os nossos estimados leitores, pela maneira clara e rica de pormenor de que a referida palestra se revestiu, lamentando que a exiguidade do espaço não nos permita transcrevê-la na íntegra como desejávamos.

A organização da Romagem

O conferente, que viveu os acontecimentos militares que os portugueses ilustraram, no norte da França, a rasgos de heroísmo, começou por afirmar que a ideia da romagem se deveu ao Sr. João Machado Leal, das Caldas da Rainha, e teve a adesão entusiástica do Sr. Dr. Agostinho Sá Vieira que logo solicitou a cooperação do Sr. General Ferreira Martins, a quem convidou para presidir, e disse:

— «E assim, trabalhando em conjunto o Senhor General, o Dr. Sá Vieira e João Machado Leal, conseguiram que a Romagem se realizasse, com o apoio, em grande parte, dos Combatentes da Grande Guerra que, por intermédio dos seus delegados em França, bastante contribuiu para os romeiros terem a recepção que tiveram.»

O Sr. Coronel Roma traçou depois o perfil biográfico dos três principais organizadores da Romagem e, referindo-se à sua realização, prosseguiu: —

«Há muitos que julgam que ela foi subsidiada pelo Estado ou por quaisquer outras entidades. Não sucedeu assim, felizmente, e todas as despesas de transportes, alojamento, etc., enfim todas, foram pagas pelos romeiros». O orador referiu-se às facilidades concedidas e à cedência gratuita, pelo Ministério do Exército, do bronze para uma palma destinada a ser colocada no monumento português em La Couture, cujo desenho foi feito obsequiosamente pelo antigo combatente Coronel Vitória Pereira, tendo sido moldada pelo escultor Anjos Teixeira.

À chegada a Hendaia tivemos a primeira agradável surpresa

«Na estação ferroviária éramos esperados pelo *Maire* dali, Padre Armand Fully, que, como capelão militar, tomou parte nas duas grandes guerras, havendo, nesta última, sido aprisionado pelos alemães e internado, com um grupo de 25 camaradas, no campo de Concentração de Dachau. Desse grupo regressaram à pátria ele e mais quatro, e em que estado! como me foi dado ver por uma fotografia que me mostrou. Acompanhavam-no outras entidades, numerosos antigos combatentes franceses e outras pessoas. Alguns de nós almoçámos no restaurante da estação, tendo o Padre Armand mais a gentileza de nos oferecer uma taça de champanhe.»

E mais adiante:

—«À despedida compareceram as mesmas pessoas que nos haviam aguardado à chegada, e então entoámos a plenos pulmões, a Marselhesa e a seguir a Portuguesa. O canto não se pode dizer tivesse sido afinado, mas foi bem do coração.

«Na passagem rápida por Bayonne, fomos saudados através de um alto falante.

«Às 6,50 do dia 20 chegámos a Paris, sendo aguardados, na estação de Austerlitz, pelo Delegado da Liga e antigo combatente Coronel Aviador José Pinheiro Correia, Vice-Cônsul e também antigo combatente Carvalho Silva, Jornalista José Agostinho das Neves e vários outros portugueses.»

A Homenagem ao Soldado Desconhecido Francês

«Nesse mesmo dia fomos depor uma coroa de louros e flores sobre o túmulo do Soldado Desconhecido Francês. Foi deste modo para a França, como era elementar dever, a nossa primeira homenagem.

«Às 14 horas partimos de autocarro para o cruzamento da Avenida Jorge V com a dos campos Elíseos, onde nos apeámos, a uns 600 a 700 metros do Arco do Triunfo, ponto de concentração de todos os que iam tomar parte no cortejo. Este organizou-se pela seguinte ordem: na testa uma banda militar, a pequena distância dois romeiros transportando a coroa, seguindo-se-lhes as bandeiras, a nossa e de várias deputações de antigos combatentes franceses, belgas, ingleses, norte-americanos e polacos: após eles íamos nós, e depois aquelas deputações, além de muitas outras pessoas. Iniciou-se o desfile ao som e compasso da banda militar e, ao marchar subindo os Campos Elíseos, foi com emoção que me recordei do dia 14 de Julho de 1919, em que tomei parte no desfile da festa da Vitória, como capitão que então era, comandando a Companhia de Infantaria que representou Portugal. O percurso foi maior, muito maior do que o de agora, pois o desfile iniciou a sua marcha na Porte Maillot e terminou-a na Praça da República, com a continência ao Grande Marechal Foch, depois de ter passado sob o Arco do Triunfo. Uma palestra que em 1920 fiz na Escola do Exército, referindo-me a esse desfile, disse: «Era Portugal que passava, não era eu com os 150 homens sob o meu comando». Agora, como então, não éramos nós, antigos combatentes, que passávamos; era Portugal e com isso sentíamo-nos verdadeiramente orgulhosos.

«No Arco do Triunfo estavam aguardando-nos os senhores Jacquinot, Ministro dos Antigos Combatentes; Dumaine, chefe do Protocolo da Presidência da República e novo Embaixador da França em Portugal que, actualmente, já se encontra em Lisboa; General Marquaut, representando o Presidente Herriot; General Josset, representando o presidente Mouerville; senhor Destandau, da Assembleia da União Francesa; General Coliou, representando o Governador Militar de Paris; Henri Grimal, representando o Perfeito do Sena; General du Visier, Presidente do «Comité» de Ligação Interfederal des «Amicales Regimentaires»; Dr. Huet, do «Comité» France-Portugal; Senhores Lange e Abravanel, da Associação dos Amigos da República Francesa;

«1.º Secretário da nossa Embaixada, representando o Embaixador, no momento em Portugal; Paulo Osório, Adido da Imprensa; Dr. Luís da Costa, nosso Cônsul em Paris; representantes das Câmaras de Comércio, do «*Comité*» *Flammes sous l'Arc de Triomphe*, etc., etc.

«Colocada a coroa sobre o túmulo do Soldado Desconhecido, pelo Senhor General Ferreira Martins, ouvimos, em continência, o toque «aos mortos» e em seguida a Marselhesa, tendo também prestado as devidas honras uma força Militar. Não foi executada a Portuguesa porque, naquele local, só a execução do hino nacional francês é permitida, desde que ali repousa o Soldado Desconhecido.

«Trocados cumprimentos, assinámos, os mais graduados de entre nós, o «Livro de Oiro», havendo eu tido essa honra, e partimos para a sede do «*Comité*» *de Liaison Interfederal des Amicales Regimentaires* onde fomos recebidos pelo seu presidente, General du Visier, que, como já citei, nos havia aguardado no Arco do Triunfo. Trocaram-se saudações, tendo sido servida uma taça de champanhe».

As Cerimónias em Lille

O orador continuou, dizendo:

—«No dia 21 a romagem seguiu para Lille onde a recepção foi igualmente calorosa, tanto pelas autoridades como pelos antigos combatentes portugueses ali estabelecidos.

«Organizou-se um numeroso cortejo, na Praça da República, que, precedido pela banda do 43.º Batalhão de Infantaria, seguiu para a Câmara Municipal, linda e profusamente decorada no seu interior com bandeiras francesas e portuguesas, onde éramos aguardados pelo *Maire*, senhor Gaifle, todos os membros do Conselho Municipal, Monsenhor Delamoy representando o Cardeal Liénard, e muitas outras entidades, tendo falado o nosso Cônsul Crépy, o *Maire* e o senhor General Ferreira Martins, que se referiu à maneira carinhosa como Lille se manifestou quando por ali passaram prisioneiros portugueses. E eu, ao marchar momentos antes, pelas ruas da cidade, encorporado no brilhante cortejo, tinha bem presente uma outra marcha realizada em 11 de Abril de 1918, fazendo parte de uma leva de prisioneiros portugueses e ingleses. Seguíamos devidamente escoltados e, apesar da brutalidade das praças alemãs que constituíam a escolta, a população atirava-nos tudo o que podia, alguns cigarros, bocados de pão, um ou outro agasalho mesmo. Sofrendo a ocupação, a bem dizer desde o começo da guerra; passando necessidades sem conta; privaram-se, em nosso benefício, do pouco que possuíam, arriscando-se ainda a ser maltratados, como sucedeu a uma rapariga

(*Continua na 16.ª página*)

As touradas

Um atentado à Educação

Quando levantámos a nossa modesta voz expressando o nosso desacordo com o espectáculo das touradas, especialmente com os touros de morte, fizemo-lo por dever de consciência, sem esperarmos que as nossas palavras pudessem ter qualquer eco. Acontece, porém, que o artigo publicado no último número do *Sempre Pronto* vem merecendo repetidos aplausos de muitos dos nossos assinantes, tanto em Portugal como em Espanha, o que prova existir em ambos os países uma forte corrente contra tão degradante espectáculo. E o mais interessante é que de tal corrente fazem parte as mais altas esferas morais, religiosas e culturais, bem como o povo simples, mas sincero nos seus sentimentos e convicções.

Entre as manifestações de concordância que até nós chegaram, sensibiliza-nos muito particularmente um amável ofício da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, subscrito pelos seus dedicados directores Srs. Drs. António Emílio de Magalhães e Gil da Costa, que felicitando-nos afirma a sua plena concordância com a nossa atitude, em plena harmonia com a acção que a mesma Liga tem desenvolvido desde 1934, trabalho doutrinário valioso, seguido de justas representações dirigidas aos mais altos poderes do Estado e às autoridades religiosas.

A Liga termina o seu ofício dizendo: «Por isso estamos de alma e coração com V. atrevendo-nos a sugerir que desse artigo se faça uma edição de muitos milhares de exemplares, para serem distribuídos à saída das igrejas, cinemas, campos desportivos, etc. e ainda enviados ao Venerando Episcopado, Igrejas Protestantes e Israelitas, e grandes instituições e associações culturais. E se V. aproveitar esta sugestão, e tiver a bondade de no-lo comunicar, esta Liga terá muito prazer em oferecer 100$00 para ajudar os respectivos encargos e dar o exemplo a outras colectividades, sentindo apenas não concorrer com verba maior, em virtude de viver em permanente regime deficitário».

Agradecemos as palavras de aplauso da prestimosa Liga e a sua tão útil sugestão e oferta. Tornamo-la pública para dar oportunidade a que outros amigos ou instituições possam concorrer para a tornar viável. Se a oferta dos 100$00 for seguida de outras contribuições para o mesmo fim, teremos muito gosto em dar cumprimento ao desejo tão gentilmente manifestado pela Liga Portuguesa de Profilaxia Social.

"Vida Naturista" e o "Sempre Pronto"

A apreciada revista «Vida Naturista», defensora dos princípios naturistas, que é dirigida pelo nosso prezado Amigo e antigo escoteiro Sr. Luciano Silva, no seu número de Março e Abril últimos referiu-se largamente ao nosso inquérito «Devem os escoteiros fumar?» e aproveitou o ensejo para dirigir ao nosso jornal encómios tão gentis que muito nos sensibilizaram.

Ao apreciar os depoimentos que publicámos, condena com veemência o uso do tabaco e, comentando a atitude dos escoteiros fumadores, refere: «*Como é* que o escoteiro é puro... se suja o organismo com o tabaco? E económico... se queima dinheiro? Bom companheiro... se dá tão mau exemplo? E amigo do Ar Livre... se o vicia sem respeito por si nem pelo próximo?». E termina fazendo votos por que o tabagismo desapareça entre os escoteiros.

Por palavras tão cativantes, apresentamos as nossas saudações fraternais à «Vida Naturista» na pessoa do seu ilustre Director.

• • o • •

Concurso de Desenho Alusivo a S. Jorge

Os Serviços Centrais vão promover um concurso de um desenho do Cavaleiro S. Jorge, patrono dos escoteiros.

Para isso vão instituir alguns prémios para distinguir os autores dos desenhos primeiros classificados quanto às seguintes características:

1.º - O melhor em valor absoluto.

2.º - O melhor como concepção ou ideia.

3.º - O melhor como técnica de desenho.

Os desenhos terão por motivo principal o Cavaleiro S. Jorge como patrono dos escoteiros. Como acessório poderá ser usado qualquer outro emblema de carácter nacional ou regional, que condiga com o efeito pretendido.

Pelas competentes vias, os Serviços Centrais vão apresentar toda a restante regulamentação a que os concorrentes têm de atender.



Eduardo Faria

Um exemplar devolvido do nosso jornal trouxe-nos a infausta notícia do falecimento deste nosso assinante e antigo-escoteiro, cuja simpatia pelo «*Sempre Pronto*» era manifesta. Eduardo Faria foi guia da patrulha Águia do Grupo n.º 1, nos primeiros tempos do Escotismo, distinguindo-se aí pelo seu feitio justiceiro e eloquência nas suas palestras e relatórios.

Foi tenente miliciano tendo servido em Moçambique e era presentemente funcionário superior da Empresa Insulana de Navegação onde servia há 30 anos. Mantinha ainda hoje a mesma simpatia pelo Escotismo e a mesma estima pelos seus velhos camaradas de juventude.

Era um activo dirigente do Círculo Artístico Mário Augusto e do Rádio Graça, foi secretário da Liga dos Combatentes da Grande Guerra e Director da revista desta entidade. Escreveu alguns livros entre eles «Expedicionários», cuja capa foi desenhada pelo seu velho companheiro do Grupo n.º 1, o nosso amigo Sr. Humberto Martins.

Com Eduardo Faria desapareceu um espírito cintilante, um coração bondoso e um velho camarada dos primeiros tempos do Escotismo, cujo falecimento o «*Sempre Pronto*» sente profundamente.

• • o • •

O Fumo condenado por Pio XII

O Papa Pio XII falou contra o uso exagerado do tabaco, na sua vila do Castelo Gandolfo, em 14 de Setembro de 1950. O pontífice, segundo a notícia, não fuma e exortou os plantadores de tabaco a que reduzam ao mínimo o consumo do tabaco. Este conselho merece ser escutado por aqueles que fazem ostentação dos seus cigarros puros de alto preço. *(Amanecer)*

• • o • •

COLECÇÃO DO «SEMPRE PRONTO»

6 anos, artisticamente encadernada, num só volume, papel especial

Vende-se pela maior oferta a favor do cofre do nosso jornal

Os pretendentes devem fazer a sua oferta à Administração do «Sempre Pronto»

A Romagem a França dos Antigos Combatentes

(*Continuação da 15.ª página*)

que, aproximando-se mais de nós, foi prostrada com uma coronhada de um dos soldados da escolta. Eram passados 33 anos, e eu tinha bem presentes todas essas cenas, como se acabassem de se dar naquele momento.

«O *Maire*, ao terminar a recepção, pediu um minuto de silêncio, em homenagem à memória dos que haviam morrido gloriosamente pela paz e pela liberdade, lembrou que, nesse dia, deviam estar a realizar-se em Lisboa os funerais do falecido Presidente Carmona, associando-se ao luto da Nação Portuguesa. Foi servido o costumado vinho de amizade e, reorganizado o cortejo, seguimos para o Monumento aos Mortos da Guerra, acompanhados por forças da guarnição e uma banda de música.

«Ali chegados, foram depostas flores pelo *Maire* e pelo Senhor General Ferreira Martins, havendo este passado revista à guarda de honra constituída por uma companhia do 43.º Batalhão de Infantaria.

«Executados os hinos nacionais português e francês, prosseguiu o cortejo em direcção ao Monumento do glorioso Marechal Foch onde mais flores foram deixadas.

«Haviam terminado as cerimónias na cidade de Lille.

«No dia seguinte, domingo, 22, partimos para La Couture, fazendo o percurso em autocarros e automóveis.»

(*Conclui no próximo número*)